

Revist@CRB-7



CONSELHO REGIONAL DE
BIBLIOTECONOMIA
DA 7ª REGIÃO

ANO 1 - Nº 1 - DEZEMBRO DE 2005

Conselho Regional de Biblioteconomia - 7ª Região

Av. Rio Branco, nº 277, sala 710- Rio de Janeiro/RJ - CEP: 20040-009 - Tel/fax: 2533-3312 / 2533-3609 / 2532-0264

E-mail: crb7@crb7.org.br

CONSELHEIROS DA 13ª GESTÃO DO CRB-7

PRESIDENTE:

Mariza Russo

VICE-PRESIDENTE:

Nysia Oliveira de Sá

1ª SECRETÁRIA:

Dolores Rodriguez Perez

2ª SECRETÁRIA:

Maura Esandola Tavares Quinhões

TESOUREIRA:

Selma Crespo Alves

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO:

Roberto Jose Gervasio Unger (Coord.), Eloisa Helena Pinto de Almeida, Maria Cristina Albuquerque de Almeida.

COMISSÃO DE ÉTICA PROFISSIONAL:

Regina Ribas Costa Sardenberg (Coord.), Thais Castro Caldeira de Alvarenga, Ana Claudia Meirelles Tomaz De Aquino.

COMISSÃO DE TOMADA DE CONTAS:

Erotildes De Lima Mattos (Coord.), Sonia Lopes Gribel dos Santos, Maria Cristina Albuquerque De Almeida.

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO:

Claudia Costa Aragon (Coord.), Angela A.de Insfrán, Maria do Perpetuo Socorro G. de Almeida.

COMISSÃO DE PATRIMÔNIO:

Maria da Conceição Paes Quintanilha (Coord.), Maria do Perpetuo Socorro G. de Almeida.

SUPLENTE:

Íris Maria Carvalho Braga dos Santos, Rejane Ramos Machado.

MEMBROS NATOS:

Coordenadores de cursos/escolas de Biblioteconomia e Documentação da UFF, USU e UNIRIO.

COMISSÃO EDITORIAL

Angela A. de Insfrán

Cláudia Aragon

Maria do Socorro G. de Almeida

CONSELHO EDITORIAL

Clarice Muhlethaler de Souza – UFF

Lígia Paixão – USU

Marcos Cavalcanti de Miranda – UNIRIO

Mariza Russo – Presidente do CRB-7

Maura Esândola Tavares Quinhões 2ª Secretária – CRB-7

© 2005 CRB-7

Autorização de reprodução de artigos ou partes deles:
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Todos os direitos desta edição reservados ao CRB-7

Disponível em < <http://www.crb7.org.br/index.html> >

REVIST@CRB-7/Conselho Regional de Biblioteconomia -
7ª região. v. 1 n.1 (2005) Rio de Janeiro: CRB-7,
2005. 1.

1 Biblioteconomia – Periódicos 2. Ciência da Informação.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA - 7ª REGIÃO

Av. Rio Branco, nº 277, sala 710- Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20040-009 - Tel/fax: 2533-3312 / 2533-3609 / 2532-0264

E-mail: crb7@crb7.org.br

Projeto Gráfico e Editoração:

Tiago M. de Souza Faria

(21) 2710-9529 ou (21) 9604-8411

marizem@terra.com.br

EDITORIAL	4
Mariza Russo	
 ARTIGOS	
 Uma vida entre duas culturas	5
Almerinda Cavalcante Stenzel	
 A Comunicação Técnico – Científica em Biblioteconomia	8
Clarice Muhlethaler de Souza	
 A Simbólica da Biblioteconomia Brasileira	12
Rosângela Soares	
 Entrevista	
Entrevista com o Bibliotecário Volmer de Almeida Gerônimo	23

Editorial - Mariza Russo

Aliado à missão primordial dos Conselhos de Classe, que consiste na fiscalização profissional, o interesse pelo aperfeiçoamento dos bibliotecários se constitui em uma das principais metas da 13ª gestão do Conselho Regional de Biblioteconomia, da 7ª Região (CRB-7).

Muitas ações têm sido implementadas, para atingir tal objetivo, tanto no âmbito presencial como no espaço virtual.

As inovações da tecnologia da informação, especialmente no que se refere às publicações periódicas facilitam a edição, diminuem os custos e possibilitam, principalmente, o acesso mais rápido à informação atualizada – questão crucial em Ciência e Tecnologia.

Nesse contexto, o CRB-7 planejou o lançamento de uma revista *online*, arrojada, visando promover o desenvolvimento profissional de seus afiliados e leitores, e demonstrando compatibilidade com os paradigmas científicos, estéticos e sociais que servem de base para este contexto informatizado do século 21.

Para tanto, o CRB-7 constituiu um Conselho Editorial – composto por profissionais de competência e credibilidade comprovadas – encarregada de avaliar o conteúdo dos textos veiculados.

À Comissão de Comunicação do CRB-7 coube a tarefa de elaborar e implementar o projeto de editoração da mesma.

Esperamos, assim, com essa iniciativa, criar mais um espaço para os profissionais bibliotecários do Rio de Janeiro divulgar pesquisas e trabalhos desenvolvidos na linha de frente de suas bibliotecas, com o intuito de dividi-las com seus pares e com os internautas. Essas comunicações, além de se tornarem muito ricas como base para atividades futuras, servem ainda para estreitar relações e evitar duplicação de esforços na área.

A revista espera contar, também, com a participação dos alunos de Biblioteconomia, veiculando estudos que estão desenvolvendo, assim como resumos de seus trabalhos de final de curso.

Programa-se realizar entrevistas com profissionais que se destacaram na área de Biblioteconomia, com a finalidade de homenageá-los por sua traje-

tória e de resgatar a memória da profissão.

Nesse sentido, é com muito orgulho e satisfação que a 13ª gestão do CRB-7 lança a *Revista@CRB-7*. Resta-nos a tarefa de sensibilizar os profissionais a participarem desse sonho, tornando-o uma realidade que, certamente, trará benefícios para a classe de bibliotecários do Rio de Janeiro.

Estamos aguardando a sua contribuição.

Mariza Russo

Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 7ª Região – Rio de Janeiro

Almerinda Cavalcante Stenzel¹ - CRB-7 5312 - Email: bibl@rio.goethe.org

UMA VIDA ENTRE DUAS CULTURAS

RESUMO

Relato sobre a experiência profissional de uma recém bacharel em Biblioteconomia e atual bibliotecária chefe do Instituto Goethe no Rio de Janeiro. Após quatro anos de estudo na Universidade do Rio de Janeiro, atividades biblioteconômicas, raras vezes assumidas por profissionais experientes fazem parte de sua rotina. A formação do profissional bibliotecário deve ser complementada pela ousadia e desafio em assumir novas funções.

PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecários; Biblioteconomia; Ensino de biblioteconomia; Administração de bibliotecas.

ABSTRACT

A Life Between Two Cultures

A report about the professional experience of a just-bachelor in Librarianship and current librarian-head of the Goethe-Institut in Rio de Janeiro. After four years of study in the University of Rio de Janeiro, librarian activities, rare times assumed for experienced professionals are part of its routine. The formation of the professional librarian must be complemented by the audacity and challenge in assuming new functions.

KEYWORDS

Librarian; Library science; Library education; Library administration.

Localizado à rua do Passeio, 62 – 2º andar, está o Centro de Informação & Biblioteca do Instituto Goethe Rio de Janeiro, que desde janeiro último passei a dirigir. Com uma bela vista para o Passeio Público e na companhia de meus inseparáveis “amigos”, livros, inicio minha rotina diária às nove horas da manhã.

Muito antes mesmo, nos meus primeiros quatro anos de universidade (1992-1996), já

freqüentava quase todos os dias este oásis literário, anteriormente localizado à Avenida Graça Aranha. Eu estudava Letras, Português/Alemão, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando fui levada a conhecer os clássicos e contemporâneos da Literatura Alemã. Ao contrário das bibliotecas que costumava freqüentar, esta se mostrava bastante singular: organizada, atualizada e com um atendimento exemplar realizado por duas funcionárias

muito simpáticas, Jutta Meurer e Jutta Ebeling. Após alguns meses de freqüência assídua, relatei a Jutta Meurer, naquela época diretora da biblioteca, meu interesse em aprimorar os conhecimentos na língua alemã, quando então me foi oferecida uma bolsa para estudar alemão no instituto. Em troca, deveria trabalhar na biblioteca. No princípio trabalhava quatro horas semanais, que infelizmente não bastavam a todo o meu desejo.

¹ Bacharel em Biblioteconomia. Bibliotecária Chefe da Biblioteca do Instituto Goethe / Instituto Cultural Brasil-Alemanha - Rua do Passeio, 62 – 1º e 2º andares – Cep 20021-290 Centro – Rio de Janeiro - Tel. Com.: 21 2533 4862

Ao fim dos quatro anos no curso de Letras passei pela famosa crise sentida por muitos universitários – “e agora que rumo tomar?” Pensei em morar em São Paulo para dar continuidade aos meus estudos de Germanística, quando a diretora da biblioteca do Goethe - Institut me “induziu”, no melhor sentido da palavra, a estudar Biblioteconomia. A princípio fiquei bastante surpresa, mas decidi que iria estudar o assunto. Curiosamente lembrei que no vestibular, ao lado do curso de Letras, tinha escolhido o de Biblioteconomia, que acabei trancando por quatro anos. Estranho mesmo foi lembrar que nos meus quinze anos de idade obtive como resultado de um teste vocacional, a Biblioteconomia como área mais relacionada às minhas aptidões.

Confesso que após dias de reflexão, decidi ingressar neste novo curso universitário da Universidade do Rio de Janeiro. Numa manhã de agosto de 1998 retornava a uma sala de aula, desta vez com uma experiência que me fez aproveitar cada minuto destes rápidos quatro anos. Juntamente passei de bolsista da biblioteca à assistente. Pela manhã frequentava meu novo curso universitário e à tarde trabalhava na biblioteca. Nestes quatro anos, felizmente me foi dada a oportunidade de colocar em prática todos os meus ensinamentos teóricos. Assumi funções pouco desempenhadas por muitos profissionais em início de carreira: atendimento ao públi-



co; seleção, aquisição e descarte; catalogação; classificação; organização de programações desenvolvidas pela biblioteca; pesquisa entre outros.

No fim do ano passado, quando fui informada da aposentadoria da Jutta Meurer, candidatei-me a sua vaga, que em janeiro passado assumi. Naquele momento todo meu esforço foi recompensado pelo desafio em exercer algumas atividades nunca antes por mim independentemente executadas, mas que certamente aumentariam ainda mais minha experiência profissional. Antes

mesmo de assumir esta nova função fui à Alemanha para participar de um treinamento sobre formação de acervos dos centros de informação e bibliotecas do Instituto Goethe e de um estágio no setor de bancos de dados da Biblioteca Pública de Colônia.

O Instituto Goethe é uma entidade que recebe recursos públicos do Ministério do Exterior, fundada em 1951. Desde a sua fusão, em 2001, com a Inter Naciones (criada em 1952) é a maior organização para a promoção internacional da política cultural e educa-

cional alemã, podendo contar para esse fim com cerca de 3.000 funcionários em todo o mundo.

As três metas principais do instituto se resumem na promoção da cooperação cultural internacional, na divulgação da língua alemã no exterior e na transmissão de uma imagem abrangente da Alemanha, informando sobre a vida cultural, social e política do país.

Hoje são 144 institutos culturais em 78 países, dos quais 5 no Brasil (Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo), e 16 institutos na própria Alemanha que ministram cursos de alemão a mais de 25.000 alunos do exterior, utilizando os métodos mais modernos de ensino. A organização põe à disposição dos interessados, em todo o mundo, revistas culturais, livros, material informativo sobre a Alemanha, filmes e documentários e uma página diferenciada na Internet (<http://www.goethe.de>).

Há alguns anos, o Instituto Goethe vem intensificando o seu trabalho nas áreas de informação e biblioteca, tendo como meta a promoção do diálogo sobre diferentes planos, métodos e aplicações de gestão de informação e saber, de Biblioteconomia e de treinamento e qualificação em nível internacional.

Os objetivos principais do trabalho informativo e bibliotecário do Instituto Goethe são:

- a cooperação entre bibliotecas: para incentivar o intercâmbio nas áreas de livro, mídia e biblioteca são organizados, em cooperação com instituições do respectivo país, reuniões técnicas, oficinas, viagens de estudo, cursos de treinamento e aperfeiçoamento etc.

- promoção de literatura e tradução: os institutos culturais no exterior divulgam a literatura em língua alemã, incentivam a sua tradução e mantêm contatos estreitos com a imprensa, editoras, comércio livreiro e bibliotecas do respectivo país

- assessoria de informação qualificada: divulgação de tendências, eventos e publicações por meio de serviços multimídia sobre as diversas áreas da cultura alemã e da história atual para grupos-alvo específicos

- gerenciamento de informações: nas bibliotecas e nos centros de informação dos próprios institutos no exterior

e em numerosas bibliotecas associadas, como por exemplo em mais de 50 salas de leitura, os interessados encontram uma seleção de variadas mídias atuais e qualificadas sobre a Alemanha, além de serviços eficientes e confiáveis, de acordo com a demanda específica do país.

Hoje, coloco em prática todos os itens acima mencionados, que deveriam ser os objetivos de toda biblioteca viva e em permanente crescimento, mas infelizmente não são. No entanto, sabemos que a formação do profissional bibliotecário pouco prepara para a sua atuação como gerente e o impossibilita a competir com os bibliotecários atuantes há anos no mercado. Por este motivo, encorajo todos os recém-formados a “ousarem” buscar melhores qualificações que o habilitem a desempenhar funções de gerência e não esperem de braços cruzados as universidades reformularem seus currículos.



Clarice Muhlethaler de Souza¹ - CRB-7 1450 - Email: csouza952@terra.com.br

A COMUNICAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA EM BIBLIOTECONOMIA

RESUMO

Descreve os conceitos fundamentais e a evolução histórica do processo de comunicação técnico – científica em Biblioteconomia e enfatiza a relevância dos canais informais de comunicação usados nos dias atuais.

PALAVRAS –CHAVE

Comunicação científica; Biblioteconomia; Canais de comunicação

ABSTRACT

Technical and Scientific Communication in Library Science

Describes the basic concepts and the historical evolution of the technical and scientific communication in Library Science and emphasizes the relevance of the informal communication channels in use nowadays.

KEYWORDS

Scientific communication; Library Science, Communication channels

A comunicação, de acordo com seu conceito mais amplo, se refere a todas as formas pelas quais os seres racionais e irracionais interagem entre si, transmitindo o conteúdo de suas mentes uns aos outros. No processo de comunicação, a linguagem usada poderá ser oral, musical, gestual ou simbólica.

A comunicação pode ser analisada sob três aspectos básicos: técnico, semântico e psicológico. O *aspecto técnico* diz respeito à precisão na transferência da informação. O *aspecto semântico* se refere à compreensão, por parte do receptor, do significado da mensagem emitida. O *aspecto psicológico* concerne ao nível de

relevância e efetividade pelo qual uma informação transmitida provoca alteração no comportamento do receptor.

De certa forma, é possível observar que os fatores técnicos estão no âmbito da engenharia da comunicação, enquanto os fatores de natureza semântica e psicológica se

¹ Bibliotecária graduada (1974) e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983). Atualmente é Professora do 3º. Grau, Adjunto 4 aposentada da Universidade Federal Fluminense. Publicou 4 artigos em periódicos especializados e 14 trabalhos em anais de eventos. Participou de 8 eventos no exterior e 11 no Brasil. Atualmente participa de 2 projetos de pesquisa, sendo que coordena 1 destes. Atua na área de Ciência da Informação, com ênfase em Planejamento e Administração de Mecanismos de Busca e Recuperação da Informação. Em suas atividades profissionais interagiu com 10 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Em seu currículo os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: Ensino de Biblioteconomia, Biblioteconomia, Bases de dados, Planejamento e Administração de Bibliotecas, Redes acadêmicas, Bibliotecas digitais. Dispõe de página pessoal na Web <http://paginas.terra.com.br/educacao/csouza952>.

referem às questões lingüísticas e psico-filosóficas da comunicação.

No entanto, ocorre uma certa interdependência entre a engenharia da comunicação e os fatores semânticos e comportamentais do processo da comunicação. A interpretação do significado e a relevância da mensagem dependem da forma e precisão com que se efetua a transmissão.

Da mesma forma, os problemas de ruído semântico e suas implicações na decodificação da mensagem afetarão o canal, provocando alterações na capacidade e na frequência de transmissão.

A comunicação científica, conforme foi definida por GARVEY[1], é a troca de informações entre membros da comunidade científica, incluindo atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma idéia para pesquisar, até que os resultados de sua pesquisa sejam aceitos como constituintes do conhecimento científico.

Conforme destaca DIAS[2], a comunicação científica possibilita a disseminação do conhecimento científico a outros cientistas que poderão utilizá-lo para desenvolver outras pesquisas, para corroborar ou refutar os resultados de pesquisas anteriores, ou estimular novas perspectivas naquele campo de interesse, além de também possibilitar o estabe-

lecimento de novas disciplinas e campos de estudos, abrindo dessa forma novas fronteiras do conhecimento.

A comunicação técnica, assim como a comunicação científica, possibilita aos integrantes de uma comunidade, diretamente envolvida com procedimentos de caráter técnico, mecanismos permanentes de informação e atualização a respeito das tendências da área, dos estudos realizados e seus resultados.

O ato de publicar é sem dúvida a melhor forma de estabelecer a prioridade da autoria técnico-científica, reconhecer e promover o autor de acordo com a qualidade e importância de suas idéias ou descobertas.

Apesar disso, podemos constatar algumas barreiras ao desenvolvimento da comunicação técnico-científica, tais como:

- a) Ausência de infra-estruturas sólidas para a implementação de sistemas de comunicação;
- b) Desenvolvimento de certo padrão solitário de exercício técnico-científico e profissional;
- c) Altos custos para publicação impressa e divulgação de trabalhos de caráter técnico-científico;
- d) Problemas de valoração desses trabalhos para publicação;
- e) Dificuldades para se obter patrocínio para essa natureza de produção intelectual.

Entretanto, a comunicação técnico-científica, ao longo dos tempos, tem se comportado de tal maneira que podemos identificar um certo padrão, apesar de aparentemente identificarmos diferenças, dadas as tecnologias utilizadas, características de cada época.

No século XVII, a troca de correspondência entre pesquisadores e especialistas era a forma mais usada para transferir informações, pois eventualmente ocorria a publicação de livros técnicos e ainda não havia um sistema formal de controle e disseminação dessas publicações.

ZIMAN [3] destaca o papel das revistas científicas, publicadas com regularidade, naquela época, pelas sociedades e academias científicas como importante mecanismo de disseminação da informação científica.

Com o passar do tempo, ocorreu um crescente desenvolvimento técnico-científico que, apesar de suas inúmeras vantagens para a humanidade, representa também um volume cada vez maior da produção de informações e publicações, cuja recuperação e acesso, segundo MUELLER [4], encontram-se quase totalmente dependentes de sistemas estruturados de recuperação da informação, cada vez mais apoiados em tecnologias avançadas da informação e da comunicação.

Quando se trata do desenvolvimento de pesquisas, há procedimentos comuns a todas as áreas do conhecimento, que

caracterizam de uma forma idêntica a comunicação científica.

De modo a garantir qualidade, confiabilidade e credibilidade à sua produção científica, o pesquisador procura manter-se em constante comunicação com seus pares, acompanha sistematicamente a literatura publicada de suas áreas de interesse e busca a avaliação de outros pesquisadores por meio da publicação de suas idéias e resultados.

Embora a comunicação formal, mediante a escrita e publicação de textos em livros, periódicos, teses, dissertações e anais de reuniões científicas, bem como através de redes eletrônicas públicas, seja mais contundente, de fácil recuperação e ampla disseminação, é com a comunicação informal que se dá uma maior interação entre os pares, sendo mais atual, embora, em geral, não possa ser armazenada ou recuperada posteriormente.

Segundo MUELLER [5], a disseminação das informações de pesquisa em Ciência da Informação e em Biblioteconomia, no Brasil, se dá basicamente através de periódicos, livros e monografias; anais de encontros científicos e profissionais; e as teses e dissertações produzidas por doutorandos e mestrandos dos programas de pós-graduação na área.

Entretanto, sabemos o quanto é intensa a comunicação científica através da utilização de canais informais

de comunicação, tais como conversas entre colegas, de modo presencial, por telefone ou via correio eletrônico, listas de discussão, e entre grupos reunidos em eventos técnicos de qualquer dimensão.

Bibliotecários que atuam em uma mesma área especializada do conhecimento, que atuam em um determinado tipo de biblioteca ou ainda que atuam mais diretamente executando um determinado serviço ou procedimento técnico, tais como os que atuam nos serviços de referência ou na catalogação, geralmente formam redes de comunicação informal constituídas pelo que ZIMAN[2] chamou “colégio invisível”, e encontram-se espalhados em todas as partes do mundo.

Os elos que unem esses profissionais são os eventos especializados, a correspondência eletrônica e os contatos para ações cooperativas. Cada vez mais, a comunicação entre eles ultrapassa barreiras geográficas, idiomáticas, culturais e até mesmo políticas.

Segundo MUELLER [6], no início do período de crescimento de uma determinada área, os membros do “colégio invisível” emergente se consideram e são aceitos como as principais autoridades no assunto. À medida que aumenta o número de interessados na área, acabam se formando grupos menores, com idéias diferentes, dentro desse grupo maior, os quais poderão não ser mais tão invisíveis.

As publicações periódicas e os colégios invisíveis são considerados os meios de comunicação técnico-científica mais utilizados.

Os eventos nacionais e internacionais na área da Biblioteconomia registram o quanto a motivação pela participação nesses encontros de especialistas, oportunidade em que os colégios invisíveis podem ser inclusive “visualizados”, tem motivado bibliotecários a escrever sobre suas experiências nas mais diversas áreas técnicas e apresentá-los sob a forma de trabalho livre ou pôster, os quais mais tarde podem ser acessados em meio eletrônico, seja em CD-Rom ou através de *downloading* de arquivos disponibilizados na Web.

Recentemente, uma pesquisa realizada entre os assinantes na lista de discussão *bib_virtual* revelou que há mais de 10 listas de discussão brasileiras nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, das quais participam profissionais brasileiros e estrangeiros, através da troca de mensagens eletrônicas redigidas em português, espanhol e inglês.

Considere-se lista de discussão aquelas que possibilitam o compartilhamento de informações, a interatividade e a réplica pública de mensagens.

Os bibliotecários têm se beneficiado intensamente dos eventos e das listas de discussão para a comunicação técnico-científica como meio de compartilhamento de informações,

atualização profissional, marketing de serviços e produtos e educação continuada.

A possibilidade de publicação eletrônica na *Web*, através da submissão de artigos às revistas eletrônicas especializadas, recurso significativo que já está à disposição dos bibliotecários brasileiros, permite a comunicação técnico-científica em português e a divulgação de experiências significativas de técnicas, serviços e produtos

bibliográficos desenvolvidos em bibliotecas brasileiras.

Diante de todas essas alternativas, que podem ser usadas como canais de comunicação técnico-científica e a despeito das dificuldades de infra-estrutura que caracterizam grande parte das bibliotecas brasileiras, consideramos essencial que tenhamos uma postura ética cada vez mais compatível com os princípios democráticos e humanistas da profissão, co-

operando intelectualmente para o progresso da Biblioteconomia, através do compartilhamento e do intercâmbio de informações.

Se não houver entre os profissionais bibliotecários um *esprit de corps* comprometido com a ética e a cooperação profissional, a bem do patrimônio do conhecimento em Biblioteconomia, estaremos permanentemente reinventando a roda.

REFERÊNCIAS

- [1] GARVEY, W. D. *Communication : the essence of science facilitating information among librarians, scientists, engineers and students*. Oxford: Pergamon Press, 1979.
- [2] DIAS, Cláudia. *Comunicação científica*. 1999. Disponível em: <http://www.geocities.com/claudiaad/comunica.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2004.
- [3] ZIMAN, John. *Community and communications*. In: _____. *Public knowledge, the social dimension of science*. London : Cambridge University Press, 1968.
- [4] MUELLER, S. P. M.; CAMPELO, B. S.; DIAS, E. J. W.. *Disseminação da pesquisa em ciência da informação e biblioteconomia no Brasil*. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n. 3, p. 337-352, set./dez. 1996.
- [5] MUELLER, S. P. M. *O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo*. *Ciência da Informação*, Brasília, v.23, n. 3, p.309-317, set./dez. 1994.
- [6] _____. *O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões*. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.24, n. 1, p. 63-84, jan./jun. 1995.
- [7] MEADOWS, A. J. *Communication in science*. London: Butterworth, 1974.

A SIMBÓLICA DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

RESUMO

Arrola a Simbólica da Biblioteconomia brasileira buscando resgatar e definir o universo dos Símbolos e seus significados e os valores que cercam o exercício da profissão de Bibliotecário. Enfatiza que é através das relações simbólicas que o grupo torna-se consciente de seu papel perante a sociedade e diante dele mesmo. Para atender a este objetivo, a pesquisa foi estruturada como revisão de literatura, de modo a reunir as múltiplas visões e interpretações da Simbólica da Biblioteconomia Brasileira, procurando delinear sua origem e apontar os aspectos que favorecem o enfoque da Simbólica sob a ótica do Profissional bibliotecário.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteconomia. Bibliotecário. Simbólica. Símbolos

ABSTRACT

Enrolls the Symbolics, wich express a set of things, and the Brazilian Librarianship searching to rescue and define the universe of Symbols, its meanings and value that enclose the practice of librarian profession. Gives emphasis explaining that through of symbolic relations the group becomes conscient of his role in the presence of society and itself. To be attentive to this objective the research was structured as a literature review in a way to rejoin multiples visions and interpretations from Symbolics of Brazilian Librarianship questing to lay out its beginning and to indicate aspects wich assists the focus of Symbolics under the light of librarians.

KEY-WORDS

Bibliothconomy. Librarian. Symbolic. Symbol.

Desde a mais remota Antigüidade, o homem faz uso da linguagem simbólica para expressar tudo o que está além de sua compreensão; utiliza símbolos como representação de conceitos que não pode definir ou compreender completamente; “transforma os fenômenos

visíveis em uma idéia invisível” (GOETHE apud MAÇONARIA, 2002) no símbolo, que permanece, contudo, inexprimível. Mesmo possuindo “conotações especiais além do seu significado evidente e convencional, [o símbolo] implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta” (JUNG, 1964, p. 20).

O homem interage com os símbolos a todo tempo, de tal modo que é possível constatar que “a criação inteira constitui um código simbólico e harmônico, e que todas as suas partes, em estreita relação entre si, [...] mostram uma realidade oculta e misteriosa, que só é possível desvendar com a

¹ Bacharel em Biblioteconomia

Este artigo teve como base o Trabalho de conclusão de Curso de Biblioteconomia da UNIRIO

interpretação de sua aparência formal” (TREJOS, 1991).

É importante salientar que os símbolos tomam diferentes significados, que dependem da cultura em que estão inseridos. Há símbolos que são universais, como a cruz; outros são típicos de determinadas culturas e, com frequência, seu significado escapa (BELOTTI, 2003). O significado de um símbolo é “susceptível de leituras plurais, que variam de acordo com [...] os saberes e das competências dos diferentes públicos” (CHARTIER, 1988, p. 221), que dele fazem uso.

E é, justamente, a cultura em que se insere e o público a que se destina que conferem a um conjunto de símbolos o caráter de Simbólica daquela cultura e daquele público.

Simbólica é o “conjunto de símbolos de uma religião, de uma época de um povo, da obra de um autor [...]”, enquanto que Simbologia é “a arte de criar símbolos, o estudo ou interpretação dos símbolos” (HOUAISS, 2001, p. 2573).

Considerando que “todas as ciências do homem e todas as artes, bem como as técnicas que delas procedem, deparam-se com símbolos em seu caminho”, nesta Pesquisa, a Simbólica é interpretada como o conjunto dos símbolos associados à Biblioteconomia, enquanto a Simbologia é o recurso metodológico para descrição e interpretação daquela expressão simbólica (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. xii, xiv).

A Simbologia como recurso metodológico para o estudo de símbolos e da expressão simbólica, isto é, do símbolo associado a um contexto específico, segundo Chevalier e Gheerbrant (1998, p. xiv-xv), releva uma série de valores ou leis para descrever as relações de imagens, de idéias, de crenças e de emoções que cada símbolo encerra. A Simbologia não segue uma ordem histórica ou evolutiva, porque a descrição de um símbolo não pressupõe a noção de anterioridade validando exclusivamente a interpretação mais antiga – a descrição parte da justaposição de várias interpretações, porque o símbolo é pluridimensional.



A Ametista é a pedra símbolo da profissão do Bibliotecário

A Simbologia não está condicionada a datas, mas à cronologia das culturas em que o símbolo se insere; nem está limitada a interpretações racionais, mas à análise favorecida pela percepção direta, através da consciência, isto é,

No momento em que alguém percebe uma relação simbólica, encontra-se na posição de centro do universo. Um símbolo só existe em função de

uma determinada pessoa, ou de uma coletividade cujos membros se identifiquem de modo tal que constituam um único centro. Todo o universo articula-se em torno desse núcleo. Esta é a razão pela qual os símbolos mais sagrados para uns são apenas objetos profanos para outros: o que revela a profunda diversidade de suas concepções. [Desse modo...] o símbolo vivo, que surge do inconsciente criador do homem e de seu meio, preenche uma função profundamente favorável à vida pessoal e social (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. xxv, xxvi)

É, portanto, através das relações simbólicas que o grupo torna-se consciente do seu papel perante a sociedade, perante seus pares e diante de si mesmo.

Embora a Biblioteconomia seja uma das antigas profissões, com registros de memória que datam da Antigüidade, suas relações simbólicas permanecem desconhecidas ou negligenciadas.

A pesquisa não pretende esgotar os múltiplos aspectos da Simbologia, mas, apontar aqueles cuja consideração favorece o enfoque sob a ótica do bibliotecário. Para atender ao objetivo proposto, a pesquisa foi estruturada como revisão de literatura, de modo a reunir as múltiplas visões e interpretações da Simbólica da Biblioteconomia brasileira, delinear sua origem – mesmo a de caráter exógeno, e consolidar as práticas consagradas.

SIMBÓLICA PROFISSIONAL

A Simbólica é construída, em toda a profissão, a partir de signos de poder e adota insígnias que distinguem o titular desse poder de outros homens. A configuração dessas insígnias pode se materializar ou não, assumindo a representação, por exemplo, de um anel, uma data comemorativa, uma música, um comportamento padrão.

Essas representações têm tal valor simbólico que aquele que as adota é imediatamente relacionado com aquele valor, a partir do símbolo representado.

“A história do símbolo atesta que todo objeto pode revestir-se de valor simbólico, seja ele natural (pedras, metais, árvores, flores, frutos, animais, fontes, rios e oceanos, montes e vales, planetas, fogo, raios etc.) ou abstrato (forma geométrica, número, ritmo, idéia, etc.)” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 21).

Do universo de objetos naturais e abstratos a que pode ser atribuído o valor simbólico de uma profissão, foram eleitos para estudo: anel; emblemas; pedra; cor; santo padroeiro; patrono; oração; mitos, representações iconográficas e imagem profissional.

Anel, emblemas, pedra e cor

Os anéis profissionais, compostos pela aliança e emblemas afins, representam a graduação alcançada, evidenciam a qualificação em determinado campo do conhecimento. Como a

aliança representa compromisso e os emblemas representam a profissão, os anéis de grau são peças representativas do compromisso profissional.

O anel do bibliotecário é um agregado de símbolos que deve sugerir ao seu portador lembranças importantes relativas ao desempenho profissional específico de sua área.

O anel não é, apenas, um símbolo de *status* profissional; é um objeto identificador de cultura e habilitação para o exercício da profissão.

A simbologia do anel deve inspirar significações nitidamente sociais, de dedicação do profissional que o usa aos interesses sociais. Essa idéia é corroborada por Weber (apud McGARRY, 1999, p. 181), que entendia que o status de uma profissão “depende das tarefas que executa para o bem comum, e onde elas são atribuídas segundo critérios racionais de capacidade e especialização. Daí, a aura semi-religiosa atribuída a uma profissão”.

No caso específico do bibliotecário, o anel remete ao compromisso profissional expresso no juramento: “[Prometo tudo fazer para] preservar o cunho liberal e humanista da profissão [de bibliotecário], fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana” – aprovado pela Resolução nº 6, de 13 de julho de 1966, do Conselho Federal de Biblioteconomia (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA apud WEIS, 1987, p.

8), e que é síntese do Art, 3º do Código de Ética Profissional do Bibliotecário:

Art. 3º. – **Cumprir ao profissional de Biblioteconomia:**

a) **preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana;**

b) **exercer a profissão, aplicando todo zelo, capacidade e honestidade no seu exercício (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2000).**

O anel do bibliotecário simboliza e exterioriza o compromisso, a aliança do profissional com o conhecimento científico biblioteconômico, e sua disposição de aplicá-lo em benefício da comunidade em que vive, engrandecendo e valorizando sua profissão.

No Brasil, a primeira iniciativa formal para a instituição de um anel de grau para o bibliotecário foi tomada pela FEBAB (Federação Brasileira das associações de Bibliotecário), que solicitou idéias às Associações filiadas e Escolas de Biblioteconomia, através da Circular n. 17, de novembro de 1962 (ASSOCIAÇÃO..., 1998). As especificações finais do anel de grau dos bibliotecários foram divulgadas às Associações e Escolas pela Circular n. 5, da FEBAB de março de 1963 (CIRCULARES..., 1964). Essas especificações passaram a vigorar imediatamente e muitos profissionais adotaram o modelo.

Desde 1963, vários documentos foram publicados no intuito de divulgar ou ratificar o padrão do anel. No entanto, essas publicações deixaram lacunas sobre a composição do anel, da estrutura e da localização dos emblemas. Além disso, é comum recuperar, nos sítios dos conselhos regionais da classe, descrições muito simples do anel, do tipo: “deve ser feito em ouro, tendo lateralmente os símbolos já mencionados [pedra: Ametista; emblemas; lâmpada de Aladim e um livro aberto], em platina para ficar em relevo” (ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO ESTADO DO PIAUÍ, 1998), omitindo dados fundamentais que orientariam sua confecção.

A Resolução nº. 034, 2001, do CFB (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2001), aponta como emblemas do bibliotecário, a lâmpada de Aladim e o livro aberto; omitindo a pena sobre o livro aberto, indicada pela FEBAB, na Circular nº. 5, de março de 1963.

Vale ressaltar ainda, uma omissão importante: o uso de brilhantes no anel que não é privilégio de uma profissão.

Todos os anéis de grau possuem os brilhantes. Atribuiu-se a isto o símbolo do “valor cultural”, associado ao “maior valor das pedras preciosas”. É a nobreza da natureza, lapidada: o diamante que virou brilhante, a pedra bruta que virou pedra polida, luzente, e mais nobre de todas as pedras.



Livro aberto (com a pena), à direita do anel -
Fonte: Leonardo Costa, fotógrafo, jun. 2004

Tal simbologia é antiga. Comparou-se sempre o homem sem instrução com a pedra bruta, e depois de receber a luz da sabedoria, com a pedra polida. [...Admite-se] como aceitável e muito adequada a inserção dos brilhantes para significar o polimento cultural no anel que representa o grau de cultura. Os símbolos do “polimento o homem” e da “expressividade do valor de tal polimento” representam a natureza de sua qualidade e a grandeza de sua importância no contexto cultural (CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE, 2002).

A multiplicidade de textos sobre a confecção do anel do bibliotecário, as omissões nos textos oficiais e a falta de tradição de seu uso têm favorecido outras formatações, que contribuem para a dúvida continuada de como deve ser o anel.

Nesta pesquisa, foi considerada a Resolução vigente, sem ignorar os emblemas originalmente indicados para o

bibliotecário, como um conjunto rico de significado a ser resgatado.

A padronização dos emblemas requer a uniformidade dos procedimentos pelos órgãos normalizadores, alicerçada na relevância dos procedimentos anteriores, o que a pesquisa revelou não existir. Por isso, optou-se pela descrição de todos os emblemas já propostos: a lâmpada de Aladim, o livro aberto e a pena sobre o livro aberto – ressaltando-se que esses emblemas têm ricos significados a serem resgatados.

O modelo de anel que vem sendo praticado, há anos, por bibliotecários que o têm como correto, apresenta uma ametista circundada por brilhantes, além dos emblemas especificados. Esse modelo pode ser assim descrito: anel com aro em ouro, chuveiro (modelo feminino) centrado pela pedra ametista circundada por brilhantes. A pedra é ladeada por emblemas em platina, aplicados no aro. No lado direito da pedra, o símbolo principal – o livro aberto com a pena; no lado esquerdo, a lâmpada de Aladim. A distribuição dos emblemas segue a tradição cristã do Ocidente, onde “a direita tem um sentido ativo, a esquerda é passiva. Também, a direita significa o futuro, e a esquerda o passado” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 343).

A pedra da simbólica da Biblioteconomia é a ametista – “pedra da humildade, da paz de espírito, piedade, e resignação”

(BRUCE-MITFORD, 1996, p. 40) e deve ter a cor **violeta** (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA, 2001, grifo nosso).

A coloração da ametista “agüça as faculdades do cérebro, agilizando o raciocínio e facilitando a extra-sensorialidade. Quem usa esta gema acredita-se, emana tranqüilidade e sabedoria” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEMAS..., 2002); é a pedra utilizada pelos bispos, entre os cristãos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 45).

A escolha da ametista para a simbólica pode estar associada à qualidade da pedra de reforçar a memória (CHEVALIER; GEERBRANT, 1998, p. 46), levando-se em consideração que os recursos mnemônicos fazem parte do cotidiano e das atividades do Bibliotecário (SILVA, 2004, p. 28).

O violeta ou lilás é a “cor da temperança, feita de uma proporção igual de vermelho e de azul, de lucidez e de ação refletida, de equilíbrio entre [...] a paixão a inteligência, o amor e a sabedoria” (CHEVALIER; GREEBRANT, 1998, p. 960), e a inspiração” (RODRIGUES, 2001). A cor violeta é também identificada como a “cor da realeza, [...que] gera sentimentos como respeito próprio, dignidade e auto-estima [...] por suas qualidades espirituais e criativas” (PORTO; DIAS, 2001); é a cor “que indica livremente de preceitos, capaz de considerar a vida e o Universo” (RODRIGUES, 2001).

A resolução nº. 034, de 2001, do CFB (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA, 2001), aparentemente a última publicada e a norma em vigor, aponta como emblemas do bibliotecário, a lâmpada ou a lamparina e o livro aberto.

A lâmpada gravada no anel é um símbolo “ligado ao da emanção [...e que] permite descobrir a sabedoria” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 534, 535). Ela pode ser interpretada como o símbolo do saber e da imortalidade, que fundamenta a responsabilidade do bibliotecário de organizar o conhecimento registrado e disponibilizar esse conhecimento para a sociedade [...e que] é transmitido para outras gerações” (MIRANDA, 2004, p. 8).

O livro “é o símbolo da ciência e da sabedoria [...]. Um livro **fechado** significa a matéria virgem.; se está **aberto**, a matéria está fecundada. **Fechado**, o livro conserva seu segredo; **aberto**, o conteúdo é tomado por quem o investiga” (BRUCE-MITFORD, 1996, p. 97). No anel, o livro aberto significa oferecimento da ciência e da sabedoria, do conhecimento nele registrado.

A pena ou pluma simboliza a fé, a contemplação (CIRLOT, 1984, p. 456); é um símbolo “da aprendizagem e do intelecto” (BRUCE-MITFORD, 1996, p. 97); sua função simbólica designa clarividência e adivinhação e, em alguns casos, é símbolo de sacrifício (CHEVA-

LIER; GREERBRANT, 1998, p. 724, 725). Omitida da simbólica do anel do bibliotecário pelas normas vigentes, a pena associada ao livro aparece em vários símbolos ligados à Biblioteconomia.

Santo padroeiro

A escolha do padroeiro é determinada pela identidade de atividades, de talentos e de circunstâncias de vida do santo escolhido com a dos indivíduos ou grupos que protegerá.

Em geral, o padroeiro é escolhido, pela própria comunidade, entre os santos da Igreja Católica, constituindo-se “[...] modelo para comportamento moral dos grupos profissionais que representam” (SAYDA, 2002) e intercessor nas orações a Deus (SHACHTMAN, 2002; WHAT IS a patron saint?, 2004). Há culturas, no entanto, em que o padroeiro é um guardião celestial, não restrito a religiões.

São Jerônimo “é considerado, por muitos, o padroeiro dos Bibliotecários, porque traduziu para o latim e organizou os livros do Antigo Testamento e Novo Testamento, que se tornou com o título de *Vulgata*, a Bíblia oficial do cristianismo (SGARBOSSA; GIOVANNINI apud PINHEIRO, 2003a, p.14, grifo do autor). Na iconografia cristã, São Jerônimo é representado nu ou em trajes de bispo, escrevendo ou lendo e, comumente, com o atributo de sua identificação – um livro e um leão; é comemorado em 30 de setembro (MATTOS, 2004).

Santa Catarina é também cultuada por bibliotecários (OS SANTOS e as profissões, 2003), pois, além de dedicar “sua vida à pregação do cristianismo e ao cuidado dos necessitados” (HARO apud MENEZES, 2002), foi imortalizada como “símbolo de [...] preclaro saber (TAMANINI, 2004), ou de “magia do saber” (HARO apud MENEZES, 2002). Na iconografia cristã, Santa Catarina é representada com trajes de mártir e com os atributos de sua identificação – uma roda de tortura, a “roda de Santa Catarina”, e palmas como sinal de martírio (BUONFIGLIO, 2003; CLUGNET, 2003), ou lendo, em seu estúdio (SAINTS..., 1994); é comemorada em 25 de novembro (BUONFIGLIO, 2003).

São Lourenço também figura como padroeiro das bibliotecas (PORTAL CATÓLICO SANTA FAMÍLIA, 2001) e dos bibliotecários (OS SANTOS e as profissões, 2003). Foi um dos primeiros Diáconos da Igreja Romana, ordenado pelo Papa Sisto II (PORTAL CATÓLICO SANTA FAMÍLIA, 2001) e tinha a responsabilidade administrar os bens da Igreja, assistir ao Papa nas celebrações e zelar pelos necessitados (SANTO; CARMO, 2001). Na iconografia cristã, é representado com trajes de diácono e com os atributos de sua identificação – a grade do braseiro em que foi martirizado e um livro (SAINTS..., 1994); é comemorado em 10 de agosto.

Outra santa tida como padroeira dos bibliotecários e também dos bibliófilos (DU-

FT, 1999, p. 8) é Santa Wiborada. Ela teve a visão de uma invasão húngara, no século X, e preveniu os monges do Mosteiro de São Gallen, na Suíça, cuja biblioteca possuía um dos maiores acervos bibliográficos da Europa – “os monges se esconderam levando consigo os livros” (CATHOLIC online, 1970; tradução nossa). Na iconografia cristã, Santa Wiborada é representada com trajes de religiosa e com os atributos de sua identificação – o machado, com o qual foi martirizada pelos húngaros invasores, e um livro acorrentado; é festejada em 2 de maio.

Entre os hindus, Ganesh, “o deus do conhecimento, da sabedoria e removedor de obstáculos” (BELLOTTI, 2003), é considerado o guardião das bibliotecas (HADDEN apud CREDARO, 2001). Na iconografia hindu, é representado com o corpo de um homem gordo e a cabeça de um elefante.

No Brasil, não há um culto específico de padroado de fé, embora a atribuição a São Jerônimo predomine.

Patrono

A figura do patrono é observada em, praticamente, todas as profissões. O patronato ocorre a partir da escolha de uma “personalidade notável sob cujo patrocínio se coloca uma entidade, uma pessoa” (BIDDERMAN, 1998, p. 702); ou melhor, trata-se de um representante de renome, “que uma classe de profissionais [...] elege como tutor de cada uma das cadeiras” (HOUAISS, 2001, p. 2151).

Manoel Bastos Tigre (1882-1957) é considerado o Patrono da Biblioteconomia brasileira.

Bastos Tigre exerceu atividades de jornalista, humorista, poeta, autor teatral, redator de publicidade, filatelista, engenheiro e compositor, até assumir a vocação de bibliotecário, aos 33 anos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1996). Ao concluir o curso de engenharia, viajou para os Estados Unidos da América, onde conheceu Melvil Dewey. Esse encontro foi tão marcante que moveu sua escolha pela profissão. Bastos Tigre descobriu-se bibliotecário, abdicando da carreira de engenheiro, ao prestar concurso público para o Museu Nacional e passando em primeiro lugar (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1996).

A data do seu nascimento, 12 de março, é considerada o Dia do Bibliotecário por força da Lei nº 84.631, de 12 de abril de 1980 (WEIS, 1987, p. 12-13).

Oração

Há orações específicas para os santos padroeiros, assim como existem preces específicas para algumas profissões – essas preces costumam expressar carências ou anseios dos profissionais orantes (OS SANTOS e as profissões, 2003).

A pesquisa exaustiva revelou três orações – uma estrangeira e duas nacionais – aqui, reproduzidas, a título de resgate de uma memória tão pouco cultuada.

A oração estrangeira foi recuperada na Internet, no sítio da revista *Warrior librarian weekly: the zine for libraries who refuse to be classified*, e o texto, em versão livre, é o seguinte:

Oração dos Bibliotecários

“Senhor, conceda-me serenidade para aceitar que um livro extraviou-se para sempre; Coragem para negar a renovação do empréstimo de um livro em atraso; e bom senso para saber a hora certa de dar um basta (CREDARO, 2004)”

Uma das orações nacionais foi elaborada pela Bibliotecária Maria Aparecida Sell, de Santa Catarina, e foi recuperada na Rede, com o seguinte teor:

Oração do Bibliotecário

Senhor, tu me deste o dom da paciência e, mais do que ela, o de ouvir; de silenciar e de achar justificativas para cada “típico” usuário da informação que busca o meu auxílio.

Eu sou o elo entre a informação e a necessidade do usuário.

Eu sou o seletor dos documentos.

Eu sou Intérprete dos desejos alheios.

Faze, Senhor, que eu me policie diante da vontade de interferência na necessidade de outrem. Eu sou o leitor telegráfico e assíduo de tudo a que tenho acesso. Faze, Senhor, com que eu saiba discernir entre o necessário e o desnecessário, a fim de atender às pessoas. Eu sou o protagonista

de cenas isoladas e pesquisas exaustivas.

Faze, Senhor, com que possa ser assistido pelas pessoas certas.

Senhor, permite que eu me mantenha fiel ao compromisso de informar, indistintamente, a todos que procurarem por uma informação.

Permite que eu não vacile diante dos trabalhos exaustivos. Que eu não esmoreça diante das críticas. Que eu não duvide da capacidade de servir aos amantes da informação.

Permite que eu seja criativa a cada novo sol, e, quando dele me afastar, seja porque me aproximei de Ti, para sempre. Amém! (SELL, 19—).

A outra oração, inédita, foi proposta pela Professora Ana Virginia Pinheiro, da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO e, agora, cedida para divulgação:

Oração do Bibliotecário

Senhora Virgem Maria, doce pergaminho onde Deus escreveu Sua Palavra, dê-me entendimento para ver e ler os palimpsestos da memória;

Sabedoria para compreender a organização da vida e desenvolver paraísos como universos inventariados;

Simplicidade, para que eu possa guiar-me e guiar todos os que buscam provar, descobrir ou conservar o que permanece no plano divino;

Esperança, para ser um exemplo de fé na ciência, na técnica e na pessoa humana.

Dê-me a Dignidade de receber, à luz da sua intercessão, o amor manifesto de Seu Filho

E o respeito daqueles que Deus-Pai me concedeu, com o privilégio de chamar de meus: minha biblioteca, meus livros, meus leitores... (PINHEIRO, 2004).

Mitos, representações iconográficas e imagem profissional

O mito se manifesta na simbólica profissional, por exemplo, através da imagem construída na mídia. Segundo Ferrier-Caverivière (1997, p. 387),

Quando nasce um mito, ele se expande em função de diversos dados praticamente necessários. Acontece que a propaganda, muitas vezes decisiva para dar o impulso inicial, intervém ainda para sustentá-lo e alimentá-lo, fazendo-o de tempos em tempos conjugar-se com impulsos novos.

Desse modo, a imagem de um profissional é, comumente, associada a mitos “construídos”, ao longo de determinado tempo, e que têm como referencial ocorrências ou circunstâncias que alcançaram divulgação e que não são, necessariamente, expressão da verdade.

Para Houaiss (2001, p. 1573), imagem é tudo aquilo que representa uma relação de analogia, semelhança, de semelhança sendo essa semelhança simbólica ou real. A imagem profissional é um

“conjunto ou conjunto de opiniões de um indivíduo ou um grupo social” a respeito de uma profissão (BIDERMAN, 1989, p. 508).

A imagem, boa ou má, encontra na representação iconográfica a sua mais direta forma de expressão; isto é, a opinião de um indivíduo ou grupo social sobre uma profissão é expressa pela imagem que esse indivíduo ou grupo faz do profissional. Essa imagem pode denegrir ou prestigiar, na medida em que é construída a partir de um grau de satisfação ou insatisfação com o desempenho do profissional. Quanto mais negativa for a imagem, maior a sua consolidação, levando os profissionais à luta pelo respeito e valorização.

A história da Biblioteconomia documenta mitos bons e ruins, “construídos” a partir da imagem do profissional, em determinada circunstância.

A imagem, que tem sido objeto de vários estudos, goza de pouco prestígio social. A Biblioteconomia é vista como uma profissão “feminina” – se exercida por mulheres, ocorre um indivíduo conservador, idoso e intransigente; se exercida por homem, sugere um indivíduo cujo comportamento sexual é visto como “duvidoso”.

Qual seria a origem da imagem pouco favorável que a sociedade geralmente atribui aos bibliotecários? Estaria a imagem conservadora ligada ao fato de que grandes biblio-

tecários foram monges copistas e conservadores de manuscritos (LEMAITRE, 198-?). Estaria a imagem relativa ao comportamento sexual “duvidoso” do homem bibliotecário associado ao fato de que a profissão é, ainda, predominantemente “feminina”?

Convém ressaltar que essas imagens ainda predominam no contexto mitológico da Biblioteconomia, na medida em que “o mito é um discurso mentiroso que exprime a verdade em imagens” (TEO DE ALEXANDRIA apud GRAZIANI, 1997, p. 483), na construção do mito.

Então, talvez, a pergunta certa seria: qual a quota de responsabilidade dos bibliotecários na definição de sua imagem profissional?

É importante apontar que a imagem do bibliotecário não é totalmente negativa.

Uma representação do bibliotecário, que ressalta uma imagem simbólica de grande favorecimento é a obra do pintor Guiseppe Arcimboldo, intitulada “O Bibliotecário”. Trata-se de um retrato em que a cabeça, o tórax, o braço e a mão direita do personagem têm a forma de livros.

[O Bibliotecário é] uma pessoa que não é apenas um livro, mas toda uma biblioteca. As bochechas e os lábios são livros em miniaturas que, no tempo de Arcimboldo, costumavam conter preces e louvores. Seu braço direito, ao contrário, é um pesado volume

in-fólio. Páginas esvoaçantes cobrem sua cabeça. Não são impressas, mas, manuscritas, e seu conteúdo pode ser lido de cima (BATTLES, 2003, p. 12).

Cada livro que compõe o retrato é encadernado em pergaminho amarelo com vinhetas e filetes dourados. Apenas dois volumes estão encadernados em vermelho: o livro aberto, que forma a cabeça e os cabelos e o livro que representa o ombro e o braço direito; há um volume que está encadernado em branco – aquele que forma parte do antebraço, com os quatro dedos que se opõem ao polegar.

O simbolismo cromático aponta ser o amarelo

[...] a cor do sol que chega de tão longe, surge das trevas como mensageira de luz e volta a desaparecer na tenebrosidade – é a cor da intuição, que dizer, daquela função que, por assim dizer ilumina instantaneamente as origens e tendências dos acontecimentos; o vermelho – a cor do sangue palpitante e do fogo – é a cor dos sentimentos vivos e ardentes (JACOBI apud CIRLOT, 1984, p. 173).

Enquanto a cor vermelha é um “atributo de Marte, paixão, sentimento, princípio vivificador”, o amarelo é atributo de Apolo, deus solar, generosidade, intuição, intelecto” (CIRLOT, 1984, p. 175).

O vermelho e o amarelo, e por extensão o branco (que aparece no pergaminho do antebraço), segundo a divisão estabelecida pela Ótica e pela

Psicologia Experimental, são cores “quentes e progressivas, que correspondem a processos de assimilação, atividade e intensidade” (CIRLOT, 1984, p. 173).

O personagem usa óculos, talvez numa referência à necessária dedicação à leitura; e é evidentemente, um homem, pois trás barba – “símbolo de virilidade, de coragem de sabedoria” (CHEVALIER; GHEBRANT, 1998, p. 129) e bigode.

A simbólica das cores e dos objetos leva à noção de que “O Bibliotecário” de Arcimboldo é, sem dúvida, um sábio, um erudito; alguém com a mente aberta (o livro desfolhado na cabeça), em oferecimento, para ser lida; e é também leitor, com temperamento ativo, generoso; capacidade intuitiva e intelectual.

Vale ressaltar que o retrato foi pintado no século XVI, numa época em que as mulheres tinham pouco ou nenhum acesso ao conhecimento. A História da Biblioteconomia registra vultos de renome, predominantemente, masculinos: Gabriel Naudé, Paul Otlet, Ranganathan, Jorge Luiz Borges, Manuel Bastos Tigre e outros (PINHEIRO, 2003b); embora, grandes nomes femininos tenham, também, se destacado: Nadezhda Krupskaja, que fundou o sistema bibliotecário soviético; Golda Meir, “bibliotecária em uma biblioteca pública em Milwaukee e em seguida primeira-ministra de Israel” (PINE-DA, 2001); e

Alice Príncipe Barbosa brasileira que delineou o Projeto CALCO, uma adaptação do MARC II (BARBOSA, 1978, orelha).

Há, no entanto, um estereótipo que já se tornou “clássico”, na literatura para adultos, nas histórias em quadrinhos e em filmes para a TV e o cinema: o bibliotecário representado como uma “velha senhorita desagradável e azeda”, com “birote” e óculos e que faz “chi” (LEMAITRE, 198-?,p. 7), exigindo silêncio na biblioteca.

O que causou e como foi construída essa imagem que deprecia o bibliotecário, na atualidade?

Se a História da Biblioteconomia documenta a existência e o trabalho de vultos de mérito e dinamismo, homens e mulheres, por que se perpetuou uma simbólica tão negativa para a imagem profissional?

Se a simbólica negativa é uma realidade, por que a discussão e as propostas de solução sobre essa questão são pouco documentadas?

Talvez, a resposta para estas questões não esteja em descobrir o porquê, mas, em assumir a existência dessa simbólica negativa e tomar atitudes que possam efetivamente, mudar a imagem.

Conclusão

Os símbolos foram e são até hoje usados pelo homem em vários segmentos da sociedade. A importância do símbo-

lo está em fazer com que aquele que faz uso torne-se conhecedor daquela importância e de seu significado para si e para seus pares, porque o símbolo é um recurso de memória.

No âmbito da Biblioteconomia, no entanto, há um vácuo histórico quanto ao registro de seus símbolos e representações. O bibliotecário como preservador da própria memória tem manifestado um comportamento distante e negligente.

A dificuldade em obter informações sobre a simbólica da Biblioteconomia – considerada inexistente, por vários dos bibliotecários – é prova disso. Mais surpreendente foi constatar que, para alguns bibliotecários, esta pesquisa seria irrelevante, porque “não traria contribuição científica à Biblioteconomia”.

Ponderações dessa natureza promovem a motivação e o desafio na busca por uma identidade simbólica, que ultrapasse a condição de curiosidade e que reconheça no Bibliotecário um papel social, a condição de classe profissional e o mérito de sua qualificação.

O delineamento da Simbólica da Biblioteconomia brasileira há de promover o resgate das raízes, da identidade do bibliotecário – ignorando, certamente, os disfarces impostos por idéias e terminologias consideradas “modernas”. Esse resgate deve corroborar o esforço de todos aqueles que estudaram e promoveram seus símbolos e que nunca hesita-

ram em dizer: “sou Bibliotecário” – porque sempre souberam o significado de suas palavras.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO ESTADO DO PIAUÍ. *Simbologia*. Teresina, nov. 1998. Disponível em: <<http://www.abepi.hpg.ig.com.br/curioso.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2004.

BARBOSA, Alice Príncipe. *Novos rumos da catalogação*. Organização, revisão e atualização de Elza Lima e Silva Maia. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BELOTTI, Adília. *Histórias para embalar a alma*. [S.l.], 11 nov. 2003. Disponível em: <http://arvoredobem.ig.com.br/materias/165501-166000/165514/165514_1.html>. Acesso em: 02 jan. 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário didático de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRUCE-MITFORD, Miranda. *O livro ilustrado dos signos e símbolos*. Tradução José Vieira de Lima. [Lisboa]: Livros e Livros, 1996.

BUONFIGLIO, Monica. *Santa Catarina de Alexandria*. In: ESOTÉRICO. [S.l.] 26 nov. 2003. Coluna da Monica. Disponível em <<http://www.terra.com.br/esoterico/monica/colunas/2003/11/25/000.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2003.

CATHOLIC on line. St. Wiburada. In: _____. *Saints and angels: largest collection saints and angel information*. Califórnia, U.S.A., 1 jan. 1970. Disponível em: <http://saints.catholic.org/saints/saints.php?saint_id=2102>. Acesso em: 11 junho 2004.

CHARTIER, Roger. *Construção do Es-*

tado moderno e formas culturais: perspectivas e questões. In: _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Coordenação Carlos Sussekind. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.

CIRCULARES expedidas em 1963. *Boletim da FEBAB*, São Paulo, v. 9, n. 3/4, p. 73, mar./abr. 1964.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradutor Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

CLUGNET, Leon. *Santa Catarina de Alexandria*. Tradução Sandra Katzman. In: VERITATIS. Rio de Janeiro, 1 mar. 2003. Disponível em: <<http://www.vertatis.com.Br/agnusdei/div323.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA (Brasil). *Código de ética profissional [do bibliotecário]*. Santa Catarina: UFSC, 2000. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/crb/etica.html>>. Acesso em: 20 fev. 2003.

_____. Resolução nº. 19, de 5 de maio de 2000. [Dispõe sobre os símbolos emble-máticos do anel de grau do Bacharel em Biblioteconomia]. In: INFOLEGIS. Anel de grau do Bacharel em Biblioteconomia. [S.l.], 2 mar. 2004.

Disponível em: <<http://www.infolegis.com.br/legisprof.htm#anel>>. Acesso em: 06 mar. 2004.

_____. Resolução nº. 034, de 30 de abril de 2001. Dispõe sobre os símbolos emblemáticos do anel de grau do Bacharel em Biblioteconomia. Diário Oficial [da União], Brasília, DF, 03 maio 2001. Seção I, p. 14.

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE (Minas Gerais). *Anel do contabilista*. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <<http://www.crcmg.org/Historia/anel.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2004.

CREVARO, A. B. *Saints preserve us: who's watching over our libraries?* Warrior librarian weekly: the zine for libraries who refuse to be classified, Sidney, 11 Dec. 2001. Disponível em: <<http://www.warriorlibrarian.com/IMHO/lawrence.html>>. Acesso em 16 abr. 2004.

DUFT, Johannes. *The Abbey Library of Saint Gall*. 2. ed. St. Gallen: Verlag am Klosterhof, 1999.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. *Ata da Décima segunda reunião...* Boletim da FEBAB, São Paulo, v. 11, n. 5/6, p. 50-51, maio/jun. 1965.

GRAZIANI, Françoise. *Imagem e mito*. In: Brunel, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEMAS E METAIS PRECIOSOS. *A pedra ametista. Brasília*, 2002. Disponível em: <<http://www.ibgm.com.br/html/interessante03.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus símbolos*. Tradução Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

LEMAITRE, Renée. *Imagem do bibliotecário e documentalista em filmes e livros*. Tradução e adaptação (com autorização do autor) [de] Johanna Smit. Palavra-chave, [São Paulo], n. 2, p. 6-7, [198-?].

MAÇONARIA (Brasil). Loja São Paulo 43. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.lojaSaoPaulo43.com.br/simbolismo.php>>. Acesso em: 27 abr. 2004.

MATTOS, Alexandre M. *Religião na Internet*. Rio de Janeiro, 08 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.portalbaw.com.br/religiao/santos.html>>. Acesso em: 07 mar. 2004.

McGARRY, Kevin. *Aspectos éticos e profissionais da informação*. In: _____. O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória. Tradução de Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MENEZES, Ana Cláudia. *Os mistérios de Santa Catarina*. Joinville, 26 set. 2002. Disponível em: <<http://an.uol.com.br/2002/set/26/Oane.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2004.

MIRANDA, Marcos. *Biblioteconomia: pesquisa e conservação do conhecimento social*. [Entrevista concedida a] Bruno Aires. Caderno vestibular [Folha Dirigida], Rio de Janeiro, ano 18, n. 8, 19-25 maio 2004. Roteiro das profissões, p. 8-9.

ORDEN DEL MAGNIFICAT DE LA MADRE DE DIOS. *A vida de los Santos*. Quebec, 23 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.magnificat.ca/cal/esp/08-10.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2004.

PINEDA, Juan Manoel. *Informação que dá voltas*. Tradução de Elieser Marques [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por crb10@c... em 27 jul. 2001.

PINHEIRO, Ana Virginia. *A biblioteca revelada: uma introdução à "Organização e Administração de Bibliotecas"*. In: _____. Organização e administração de bibliotecas: planos de aulas. Rio de Janeiro, 2003a.

_____. *Oração de um bibliotecário*. Rio de Janeiro, 2004. 1 f.

_____. *O pensar e o fazer em Biblioteconomia: uma questão de memória e identidade*. In: _____. Produção do Registro do Conhecimento 1: planos de aulas. Rio de Janeiro, 2003b. Palestra proferida no I Encontro das Escolas de Biblioteconomia da Região Leste, Rio de Janeiro, 27 jun. 1997.

PORTAL CATÓLICO SANTA FAMÍLIA. 10 de agosto – São Lourenço... [Santo do Dia]. [S.l.], 28 jul. 2001. Disponível em: <<http://www.santafamilia.com/santododia/agosto/10.html>>. Acesso em 29 abr. 2004.

PORTO, Antônio; DIAS, Clecio. *O efeito de cada cor*. In: _____. Psicologia das cores. Tiradentes, MG, 22 maio 2001. Disponível em: <<http://www.tci.art.br/cor/psicologia.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2004.

RODRIGUES, Luciano Lopes. *As cores*. [São Paulo], 2001. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/licenciatura/2001/cores/pagina2/CURA.html>>. Acesso em: 26 mar. 2004.

SAINTS: a book of days. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1994. Agenda.

SANTOS, Luís Felipe; CARMO, Octávio. *Santos [agosto]*: São Lourenço. Lisboa, 4 out. 2001. Disponível em: <<http://www.ecclesia.pt/santos/agosto/10.htm>>. Acesso em: 15 maio 2004.

OS SANTOS e as profissões. *Mundo esotérico*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 26-29, [dez. 2003?]. Religião.

SAYAD, Mariana. *Leitura: orações milagrosas*. In: WMULHER: o ponto da mulher na Internet. São Paulo, 24 maio 2002. Disponível em: <http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=poesia&id_mater=393>. Acesso em: 06 mar. 2004.

SELL, Maria Aparecida. *Oração do bibliotecário*. In: AMOR & sedução. [Santa Catarina, 19—]. Disponível em: <<http://www.amoreseducacao.com.br/Oracao/Bibliotecario2.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2004.

SHACHTMAN, Noah. *O protetor dos internautas*. Wired News Brasil, Miami, 25 jan. 2002. Disponível em: <<http://br.wired.com/wired/tecnologia/0,1155,12629,00.html>>. Acesso em: 14 mar. 2004.

SILVA, Odilon Pereira da. *CDD – Classificação Decimal Dewey: manual teórico-prático para uso dos alunos da disciplina Classificação no Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília*. Brasília, [2004?].

TAMANINI, Paulo Augusto. Santa Catarina de Alexandria. In: *ECLÉSIA: O web*

site da Igreja Ortodoxa no Brasil. [S.l.], 2004. Disponível em <http://www.ecclesia.com.br/sintaxe/s_catarina_alexandria.html>. Acesso em: 12 mar. 2004.

TREJOS, Fernando. *Introdução à simbólica. Symbolos: revista internacional de arte – cultura – gnosis*, [S. l.], n. 1, 1991. Disponível em: <<http://www.geocities.com/symbolos/ps1ftre.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Central. Biografia do primeiro diretor. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/html/diretor.html>>. Acesso em: 20 mar. 2004.

WHAT IS a patron saint? In: CATHOLIC online. Bakersfield [Ca.,USA], 2004. Disponível em: <<http://www.catholic.org/saints/patron.php>>. Acesso em: 16 abr. 2004.

ENTREVISTA

Entrevista com o Bibliotecário

Volmer de Almeida Gerônimo

Bibliotecário Chefe da Faculdade de Petrópolis e FASE

Email: biblioteca@fog.br

CRB -7- Como surgiu a vontade de ser bibliotecário?

VAG: E eu não escolhi, fui inoculado! Em 1979, eu vivia um momento de profundos questionamentos em minha vida, quer seja no nível pessoal, quer no profissional (eu sou também torneiro mecânico, formado pelo SENAI). Estava para terminar o antigo 2º grau; vivia ainda o gosto da experiência no serviço militar com as idiossincrasias relativas ao período; conheci o grande amor da minha vida. Isto tudo entre outras questões marcantes que delineariam todo o meu viver, como a escolha do curso acadêmico que tentaria etc. Contextualizo estes fatos, para retratar um pouco do meu espírito naqueles áureos tempos. Em março daquele ano, fiz uma entrevista para ser admitido na secretaria da Faculdade de Medicina de Petrópolis. A vaga foi preenchida por uma outra pessoa;

mas um funcionário da biblioteca me falou sobre uma vaga no setor dele e me apresentei. Foi amor à primeira vista: os livros, a disposição das estantes, a pequenina máquina Olivetti de cor verde, o meio acadêmico... a paisagem vista pela janela ... Em uma semana no setor de referência eu já dominava autor e título de quase 40% do acervo. Aos poucos fui conhecendo as topográficas, remissivas e o sistema de classificação, na época CDU. Deus acabara de me apresentar à minha profissão, não mais a que eu escolhi, mas, sim a que ele havia sonhado para mim.

CRB-7 - Os bibliotecários que você encontrou, na sua trajetória como leitor e estudante, tiveram alguma influência na sua decisão profissional?

VAG: Você foi muito feliz neste questionamento. Foram duas pessoas. Primeiramente, Edel de

Cerqueira Gomes, aquela que me admitiu na biblioteca. Por si só, este ato, já foi o fato gerador de toda a minha história com a Biblioteconomia. Mas, infelizmente, em 1981, houve um sério acidente com ela ao acionar o interruptor de luz do banheiro de seu apartamento, no centro de Petrópolis, ocorrendo uma terrível explosão, provocada por escapamento de gás e ela veio a falecer dias depois no hospital do Andaraí, aqui no Rio de Janeiro. Isto foi em 13 de novembro de 1991.

Providencialmente, nesta mesma semana do acidente, ela havia acertado a contratação de uma bibliotecária auxiliar. Em minha paróquia, nós costumamos dizer: que nada é coincidência, e sim providência Divina. Esta jovem bibliotecária, Regina Figueiredo, foi determinante em minha vida profissional. Hoje, ela está trabalhando numa bibliote-

ca do Estado, anexada ao LNCC, aqui em Petrópolis. Devo “o ser bibliotecário” a esta grande amiga. Logo ao assumir o cargo, ela me transferiu para o serviço interno da biblioteca e, pouco a pouco, foi me dando a conhecer as rotinas técnicas. Didaticamente, um pouco de organização, um pouco de catalogação, de indexação, o Kardex... Paralelamente, eu me preparava para o vestibular de final de ano na PUC de Petrópolis; tendia seriamente para Direito. Um certo dia, ela me chamou e me perguntou: “Por que você não faz Biblioteconomia?” E discorreu por longos minutos a respeito de minha aptidão para a profissão, além das possibilidades de amanhã ou depois vir a cursar Direito, caso eu não estivesse feliz com a escolha. Muita perspicácia dela: foi-se um medíocre causídico e deu-se um bibliotecário apaixonado.

CRB-7 - Onde você cursou Biblioteconomia?

VAG: Eu cursei na Universidade Santa Úrsula (USU). Sinto-me emocionado ao lembrar a minha chegada diariamente na escola, o respirar acadêmico, o estar universitário. Minhas mestras, expoentes da profissão, muitas acumulavam o magistério com a profissão, eram mode-

los de dedicação e profissionalismo (hoje encontro várias nos congressos e cursos da área). Como sei que esta revista eletrônica será um maravilhoso meio de comunicação entre nós, aproveito para manifestar o meu apreço e a minha gratidão pela ótima formação acadêmica que eu e minhas colegas (eram poucas as disciplinas em que havia homens) de classe recebemos.

CRB-7 - Como foi sua trajetória profissional até alcançar o cargo de Chefe da Biblioteca da Faculdade de Medicina de Petrópolis e FASE?

VAG: Eu me formei em 1986 e tive três bibliotecários como chefes: as duas que mencionei e mais o Paulo Carioca, hoje bibliotecário da UFRJ. Todos somaram para a minha efetivação como Bibliotecário chefe, pela recomendação de meu nome ao meu Magnífico reitor Dr. Arthur de Sá Earp Neto, digo magnífico não pelo uso “corretamente político” do termo, e sim porque este homem foi realmente magnífico; um dos grandes responsáveis pela implantação do ensino superior em Petrópolis, fundador da Universidade Católica. Investiu tudo para que Petrópolis se tornasse uma cidade universitária. Intelectual respeitado, foi um dos convidados por João Paulo II,

para a Reunião de Intelectuais que se deu no Sumaré, Rio de Janeiro, em sua primeira visita ao Rio. Por convite dele, assumi este belo desafio que é gerenciar o que considero como o coração da Instituição.

CRB-7 - Você é membro de vários grupos e associações na sua área de atuação profissional. De que grupos/associações que você participa? Qual a importância da participação do profissional nestas entidades?

VAG: Penso que é questão de acompanhar o rumo das discussões profissionais, de estar antenado, de buscar formação, oportunidade ímpar de fazer *brainstorming*. Hoje todos percebem a importância do compartilhar. Na nossa área, isto soa como imperativo. Vou te contar a relação que tenho com o GEBIP-RJ, hoje APCIS - Associação dos Profissionais em Informação em Ciências da Saúde do Rio de Janeiro, <http://www.apcisrj.org/index.htm> Nos idos de 90, eu passei por um grande marasmo profissional, não cabe análise dos porquês no momento, a verdade é que passei. Em um treinamento da BIREME, na UFF, uma colega falou-me do grupo biomédico que se reunia na primeira quarta-feira do mês na Academia

Nacional de Medicina. Fui até lá e para resumir eu posso te dizer que minha vida profissional tem dois momentos distintos; antes e depois da APCIS. De forma diferente, entretanto não menos contundente, é a minha experiência com o Compartilhamento (Compartilhamento de Bibliotecas das IES do Estado do Rio de Janeiro - CBIES/RJ).

CRB-7 - Você já apresentou vários trabalhos em eventos da profissão e na Faculdade de Medicina de Petrópolis. Recentemente, apresentou um trabalho no Congresso Mundial de Bibliotecas e Informação: 70^a Congresso Geral e Conselho da IFLA, em agosto de 2004, em Buenos Aires, Argentina. Fale um pouco sobre este trabalho!

VAG: Este trabalho é certamente produto do Compartilhamento, já que foi em uma reunião, que fui desafiado pela minha amiga Cláudia Aragon, a redigirmos um artigo para apresentar na IFLA. Isto foi em novembro de 2003. Veio dezembro e o recesso de final de ano. Como sempre faço nas férias, pego a família (minha esposa Maria Angela e minha filha de sete anos Ana Beatriz) e nos refugiamos em Guarapari. Um belo dia, o telefone toca e minha esposa

diz que é para mim, Cláudia Aragon da biblioteca ESPM do Rio de Janeiro. Confesso que senti um friozinho na barriga; meu Deus, o trabalho; imediatamente, lembrei daquele bate-papo no cafezinho, com ela e a Cristina do LNCC, onde fazíamos conjecturas sobre as possibilidades de irmos ao evento. Interrompi as férias e nos pusemos a escrever o artigo, que resolvemos apresentar na qualidade de banner, com o título “*Sharing Among University Libraries: an instrument of education and development*”. O objetivo do trabalho era identificar os benefícios experimentados pelas duas instituições com a participação no Compartilhamento.

CRB-7 - O que representou para você participar como autor num Congresso Internacional, sediado em outro país?

VAG: Olha, ser delegado em um congresso da IFLA é uma experiência que eu reputo única. É quase consenso entre os colegas que tiveram esta oportunidade, que isto deveria ser possível a todos, de tão enriquecedora e plural que ela é. As várias culturas, a gigantesca gama de informações, estar fora do seu país, as experiências de vida que se tem. O fato de poder ver o seu

país de ângulo diferente. Enfim, é fantástico. Quanto à autoria, a produção científica se faz com pessoas que também sejam audazes, que tenham coragem de se expor. Confesso que foi um desafio tremendo - devo muito à Claudinha. Ela me estimulava o tempo todo. Sobretudo pela barreira do idioma, me senti meio inseguro. Responder às questões dos colegas em “portunhol” não foi muito difícil, em Inglês é que foi desafiador. Mas como recebemos um convite do Dr. Gary E. Gorman, Editor da Library Collections, Acquisitions, and Technical Services, para escrevermos o trabalho a ser publicado neste periódico da Elsevier, que é um forum para a troca internacional das idéias e das experiências entre profissionais da Ciência da Informação, acho que conseguimos dar o nosso recado.

CRB-7 - Com a chegada da Internet, muitos achavam que a profissão estava fadada ao desaparecimento. Na sua opinião, o que a Internet é para Biblioteconomia/bibliotecário hoje?

VAG: Parafraseando os jovens: “É tudo de bom”. O difícil é imaginar a profissão sem esta ferramenta maravilhosa, que veio dar uma visibilidade fantás-

tica ao profissional que realmente tem em sua formação todo o *know-how* para gerenciar as tecnologias de informação. Lembro-me quando ainda tinha que indexar artigos de periódicos. Hoje temos as bases de dados referenciais, as de *full-text*, softwares gerenciadores etc. que tornam nossa vida muito mais fácil. Nossa qualificação profissional é uma das mais necessárias para ajudar os vários segmentos da sociedade organizada. Estamos técnica e cientificamente preparados para gerenciar a gama de informações geradas pelas várias mídias. Eu diria sem medo, que somos os profissionais mais habilitados para trabalhar com informação científica e tecnológica.

CRB-7 - E do Futuro, o que espera? Quais são seus planos na profissão?

VAG: Estou fazendo um curso de especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde, na FIOCRUZ. Estou cheio de projetos para serem possivelmente implementados, visando a melhoria dos serviços prestados à comunidade acadêmica da minha Instituição e, dependendo da aceitação do projeto, a outras. Isto, em curto prazo. Quanto ao futuro, a Deus pertence. O Senhor tem sido

extremamente generoso para comigo. Diariamente, em minha oração da manhã, bendigo o seu nome e agradeço todas as bênçãos que Ele tem me prodigalizado; uma delas, a de ser Bibliotecário e trabalhar na FMP/FASE.

CRB-7 - Deixe uma mensagem para os futuros bibliotecários, ou seja, aqueles que estão nos bancos das Universidades ou entrando no mercado de trabalho hoje.

VAG: Fico muito à vontade para me dirigir aos graduandos em Biblioteconomia, pois tenho uma estagiária do sétimo período na UNIRIO. Tenho dito a ela que nunca o mercado foi tão favorável para os recém-formados, que podem ser absorvidos pelas ofertas em: unidades de ensino, sites, instituições de pesquisa, editoras, centros de documentação, bibliotecas convencionais ou virtuais etc. Acreditem em si mesmos, tenham fé: o bom sempre se estabelecerá!

OBJETIVO DA REVISTA:

A Revist@CRB-7 é uma publicação eletrônica semestral, com o objetivo de divulgar e promover resultados de estudos de experiências técnicas na área de Biblioteconomia e áreas afins. A revista destina-se a disseminar a produção intelectual dos profissionais afiliados ao CRB-7 e, ainda, dos alunos das Escolas de Biblioteconomia do Estado do Rio de Janeiro.

NORMAS EDITORIAS:

- 1) Os originais deverão ser encaminhados à Comissão Editorial.
- 2) A Comissão Editorial informará aos autores sobre aceite dos originais e/ou sugestões de possíveis correções nos mesmos, de acordo com os padrões da Revista@CRB-7.
- 3) Os originais serão publicados em português.
- 4) Opiniões emitidas pelos autores nos artigos, serão de sua exclusiva responsabilidade.
- 5) Os trabalhos apresentados por alunos deverão ser referenciados e encaminhados por docentes das Escolas e Bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro.
- 6) As colaborações poderão ser publicadas na Revist@CRB-7 sob as formas de: artigos, relatos de experiências, comunicações, entrevistas e trabalhos de alunos.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHADOS:

- 1) Os originais deverão ser encaminhados por e-mail para: comunica@crb7.org.br ou gravados em disquete 3,5", e acompanhado de uma cópia impressa assinada pelo autor, para Comissão de Comunicação/CRB-7, Av. Rio Branco, 277, sala 710, CEP:20040-009, RJ.
- 2) Os originais deverão ser digitados em Word 7.0 (ou versão mais atualizada), com a seguinte configuração: espaço 1,5, corpo 12, tipo Time News Roman, formato de papel A4, entre 5 e 20 laudas – incluindo anexos, tabelas, gráficos etc, sem marcação de parágrafo.
- 3) Deverá ser observada a ortografia oficial e na 1ª lauda deverá conter o título do trabalho (Times News Roman, fonte 14 e negrito), nome completo do(s) autor(es), qualificação, nome da instituição a que está vinculado, endereço postal, telefone e e-mail, segundo a NBR.
- 4) O título deverá vir acompanhado de sua tradução em inglês.
- 5) Os artigos deverão incluir resumo informativo, com aproximadamente 200 palavras em português, acompanhados de sua tradução para o inglês, segundo a NBR 6028/1990.
- 6) As palavras-chave, com no máximo 5 (cinco) termos, deverão estar em português e inglês.
- 7) As citações no corpo do texto deverão seguir a NBR 10520/2002
- 8) As referências deverão ser redigidas segundo a NBR 6023/2002